



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DE LETRAS

VICTOR FRANÇA DOS SANTOS

**LITERATURA COMO UM MEIO DE RESISTÊNCIA ÀS REPRESENTAÇÕES
TRADICIONAIS DA MULHER**

Araguaína – TO

2018

VICTOR FRANÇA DOS SANTOS

**LITERATURA COMO UM MEIO DE RESISTÊNCIA ÀS REPRESENTAÇÕES
TRADICIONAIS DA MULHER**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas, da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Araguaína, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Cristina Testa

Araguaína – TO

2018

VICTOR FRANÇA DOS SANTOS

**LITERATURA COMO UM MEIO DE RESISTÊNCIA ÀS REPRESENTAÇÕES
TRADICIONAIS DA MULHER**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas, da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Araguaína, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Cristina Testa

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliane Cristina Testa (Orientadora)
Universidade Federal do Tocantins

Profa. Dra. Eleuda de Carvalho
Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. João de Deus Leite
Universidade Federal do Tocantins

Dedico ao útero da mulher que me deu à luz, que alimentou meu ser com as forças vitais necessárias, para que eu pudesse nascer, útero esse que não habita mais seu corpo. À minha orientadora, que me encorajou a despir-me de todos os estigmas apolíneos que compreendem as esferas sociais, e que me introduziu ao imaginário das sensibilidades femininas, que compõe o conteúdo deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Eliane Cristina Testa, pela orientação em todo o percurso de escrita e reescrita da monografia e pelas valiosas contribuições com a pesquisa que compõe este trabalho.

À instituição de ensino UFT, por me acompanhar no decorrer de toda a graduação, e pelo envolvimento nos movimentos de apoio aos acadêmicos.

A todos os professores, coordenadores e alunos do Curso de Letras, que estiveram comigo nessa grandiosa e mensurada jornada chamada: graduação.

*[...] um útero é do tamanho de um punho,
não pode dar soco. (FREITAS, 2012, p. 61)*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é verificar como a mulher é apresentada na obra “Um útero é do tamanho de um punho”, de Angélica Freitas (2012). Por isso, compreender os fatos históricos ligados às relações de gênero é um caminho fundamental para compreendermos as representações da mulher na poesia de Freitas. Assim, mitologicamente, realizou-se uma revisão bibliográfica. Para subsidiar, teoricamente, nosso estudo utilizaremos as teorizações das seguintes autoras, a saber: Rago (2014), Perrot (1988) e Gancho (1989). De modo geral, a partir das nossas leituras críticas, vemos que a poeta brasileira Angélica Freitas ajuda a construir uma outra representação para a mulher, uma que privilegia, pelo discurso poético, meios de resistências às representações tradicionais da mulher, pois a mulher é uma construção.

Palavras-chave: Mulher; Angélica Freitas; Poesia; Feminismo.

ABSTRACT

This final paper has the objective to verify how the woman is showed in the book of poems "A womb is the size of a fist", by Angélica Freitas (2012). For this reason, is necessary to understand the historical facts based to gender relations, because it is a fundamental way to comprehension the varied representations of women in Freitas' poetry. Thus, was made a bibliographical review metodologically. Was choosen to theoretically based our study in the following authors: Rago (2014), Perrot (1988) and Gancho (1989). In this way, from our critical readings, the Brazilian poet Angélica Freitas helped us to construct a new form to think the woman, exalted through the poetic discourse, as a form of resistance to the traditional representations of women, understanding the woman is a construction

Keywords: Woman; Angélica Freitas; Poetry; Feminism.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	09
2.	UM BREVE RESUMO DE ALGUMAS SITUAÇÕES QUE AS MULHERES PASSARAM NOS ÚLTIMOS SÉCULOS.....	12
2.1	RELAÇÃO DE EXPLORAÇÃO E REPRESSÕES ÀS MULHERES.....	13
2.2	FALTA DE LIBERDADE E DO DIREITO AO VOTO.....	14
2.3	LIDANDO COM PRECONCEITOS E ASSÉDIOS.....	15
3.	RUPTURAS E TRANSFORMAÇÕES: MULHERES NA LINHA DE FRENTE.....	17
3.1	UM BREVE RESUMO DOS PRIMEIROS MOVIMENTOS FEMINISTAS.....	18
3.2	O MODELO IMAGINÁRIO DE MULHER.....	21
3.3	A SEXUALIDADE CONJUGAL E O DIREITO AO PRAZER.....	22
4	DE UMA MINIBRIOGRAFIA DE ANGÉLICA FREITAS E ALGUNS PONTOS RELEVANTES DE SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA.....	27
5	AS MULHERES DE AGORA, AMANHÃ?.....	29
6.	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
7	REFERÊNCIAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

Os primeiros movimentos de mudanças socioculturais e econômicas na vida das mulheres ganharam total impulso na metade século XX. Tais movimentos foram fundamentais para a reformulação de uma sociedade fortemente patriarcal, capitalista e não paritária. Pela primeira vez na história, as mulheres puderam vislumbrar seus direitos, mesmo que ainda sob as imposições de chefias machistas e opressoras, que submetiam milhares de mulheres a duplas jornadas de trabalho, de exaustão e de opressões trabalhistas.

Uma grande pioneira nos estudos da história das mulheres, Michelle Perrot (1988), foi uma escritora e estudiosa francesa que contemplou, em sua obra *Os excluídos da história* (1988), as diferentes perspectivas da vida das mulheres da primeira metade do século XX, colocando a si própria como uma protagonista, testemunhando e fundamentando mais de três décadas sobre a história das mulheres. Perrot (1988) ajudou a desenvolver os primeiros relatos históricos que destacavam as mulheres como atrizes atuantes e agentes sociais de sua própria história.

Os estudos de Perrot (1988) foram um grande influenciador para a escritora brasileira Margareth Rago (2014), que, em sua obra *Do cabaré ao lar – a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista* (2014), aborda a situação das mulheres na segunda metade do século XX e início do século XXI. Em sua obra, Rago (2014) narra as primeiras mudanças sociais femininas, sendo elas: a ocupação em espaços públicos, o conceito de mulher da época, que era somente vinculado à maternidade, ao casamento e à criação dos filhos. A autora aborda, ainda, as transformações de modernização socioeconômicas, e graças a essas mudanças muitas mulheres puderam pela primeira vez ingressar no mercado de trabalho.

Com o surgimento dos primeiros movimentos liderados por mulheres, no século XX, começou a surgir o conceito de feminismo. Nesse sentido, Vera Soares (1994) formaliza os primeiros conceitos do movimento feminista e das inúmeras percepções no âmbito do movimento. Em *Movimento de mulheres e feminismo: evolução e novas tendências* (1994), a referida autora analisa a influência feminina na atualidade, partindo

do pressuposto de que as mulheres agem como sujeitos históricos, capacitados a transformarem as suas próprias condições sociais.

É nesse sentido que este trabalho propõe fazer uma leitura analítica da obra: *Um útero é do tamanho de um punho* (2012), da poeta brasileira Angélica Freitas, para construir um diálogo entre a literatura e os fatos históricos. Os poemas constantes desse livro tematizam a mulher em suas múltiplas representações. A obra contribui, conforme ressaltou Frighetto (2015), para o cenário da poesia brasileira contemporânea, notadamente para a temática da mulher. Ainda, ressaltado por Frighetto (2015, p. 1304), recorrendo às próprias palavras de Freitas sua obra se mostra singular “pela forma incisiva e irreverente de como falar da mulher”.

Além da introdução, das considerações finais e das referências, este trabalho está dividido da seguinte forma:

O Capítulo 1 apresenta um breve panorama histórico, o qual retrata algumas situações difíceis, mas, também, transformadoras, pelas quais as mulheres passaram, ao longo dos últimos séculos, tais como: as relações de explorações, a falta de direitos e o peso de ter de se enquadrar a um modelo tradicional de mulher. Muitas vezes, as mulheres eram destinadas unicamente às exigências do lar, dos filhos e do marido, esse é um modelo imposto pela sociedade.

O Capítulo 2 concentra-se em algumas questões de valores sociais relacionados à mulher no século XX e XXI, que a levaram a romper, pela primeira vez, com o modelo tradicional de mulher. Nesse capítulo, abordaremos também algumas questões sobre a sexualidade feminina, tais como: o direito ao prazer.

O Capítulo 3 discute o livro “*Um útero é do tamanho de um punho*” (2012), de Angélica Freitas, para dele se extrair como a mulher é uma construção social. Neste capítulo final, apontaremos em que medida a literatura é capaz de problematizar temas complexos e nunca “velhos”, do ponto do vista social e cultural, e, ainda, indiciar uma construção social, para a mulher, menos sexista e opressora.

Para fundamentar melhor as nossas ideias e discussões, utilizaremos como embasamento teórico as seguintes autoras, a saber: a historiada francesa Michelle Perrot (1988) e a pesquisadora brasileira Margareth Rago (2014). Esperamos que este trabalho

seja instigante para todos e que, a partir das nossas leituras, o leitor possa ser afetado pelas incursões teórico-analíticas construídas no âmbito deste trabalho, de modo a sensibilizar-se com os processos históricos de desbravamento e de luta da mulher.

2. UM BREVE RESUMO DE ALGUMAS SITUAÇÕES QUE AS MULHERES PASSARAM NOS ÚLTIMOS SÉCULOS

Desenvolver um breve resumo que contenha algumas das situações vividas pelas mulheres nos últimos séculos não é uma tarefa nada fácil; sabemos que é necessário, para isso, considerar uma série de questões sobre o processo histórico, que, por sua vez, é longo e cheio de transformações. Nesse sentido, faremos, neste capítulo, alguns recortes sem seguir uma cronologia linear, pois não é um trabalho de cunho historiográfico nos moldes clássicos. Antes, o que pretendemos é apontar alguns fatos relevantes que marcaram a vida de luta e de resistência de milhares de mulheres. Esse recorte serve para nos ajudar a compreendermos melhor o papel da mulher, ao longo da história, e, assim, poderemos dimensionar as suas transformações sócio-históricas.

O contexto histórico mundial, até o século XX, caracterizava-se como uma sociedade patriarcal, que sujeitou milhares de mulheres a um modelo de comportamento e de condutas altamente conservador e machista estabelecido, principalmente, por homens burgueses e/ou por líderes religiosos. As mulheres eram submetidas a uma série de repressões e de opressões, como de não poder votar e nem de receber os mesmos salários dos homens.

É, nesse contexto histórico, que muitas mulheres de algumas partes do mundo se uniram e se organizaram em movimentos voltados a diferentes reivindicações. Alguns desses movimentos se tornaram marcos históricos de luta e de muitas conquistas das mulheres. Por exemplo, os acontecimentos da década de 1960, impulsionados pelo surgimento da pílula anticoncepcional, levou várias mulheres às ruas; também nessa época ficaram conhecidos grandes nomes de liderança feminista, como os das escritoras Simone de Beauvoir¹ e Betty Friedan², que em suas obras abordavam o papel da mulher na sociedade. A luta estava voltada para garantir uma jornada de trabalho mais justa, para assegurar o direito ao voto e para conquistar a licença à maternidade.

¹ Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, (Paris, 1908-1986), foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa.

² Betty Naomi Goldstein, (Peoria, 1921-2006) foi uma importante ativista feminista estado-unidense do século XX.

Um acontecimento emblemático dessa época que ocorreu, no dia 7 de setembro de 1968, foi quando mulheres de várias partes dos Estados Unidos foram às ruas protestar contra os estereótipos femininos conservadores, tais enunciados que se estabilizaram na e pela história, como lugar-comum, entre os quais podemos citar: “mulheres não têm voz”, “mulheres servem apenas para pilotar fogão”, etc. As mulheres que estavam reivindicando aproveitaram também para protestarem contra a "ditadura da beleza" e o “sexismo nas propagandas de TV”; a ideia inicial era que houvesse uma queima coletiva de sutiãs. No entanto, a queima foi barrada.

2.1. RELAÇÃO DE EXPLORAÇÃO E REPRESSÕES ÀS MULHERES

Nos anos oitenta, a escritora e historiadora francesa Michelle Perrot (1988) reuniu uma série de artigos escritos sob o título: *Os excluídos da história*; uma coletânea de estudos sobre operários prisioneiros e mulheres. Ela considerou as mulheres objeto fundamental para sua análise como também as representações do poder feminino, o que acabou se caracterizando como uma imensa investigação histórica e antropológica. Ela se perguntava se seria possível existir uma história de mulheres.

Guiada por esse desejo, a historiadora expôs os inúmeros problemas decorrentes do desprivilegio feminino diante da sociedade conservadora de sua época, estimulando, assim, discussões sobre as relações sociais e sexuais, defendendo a ideia de que as mulheres não vivem reclusas nos altos das torres ou isoladas em ilhas, mas interagem e socializam com os homens, seja na figura de maridos, de pais ou de irmãos, ou mesmo como profissionais que compartilham do mesmo ambiente de trabalho.

Ao mesmo tempo, que Perrot (1988) levantava questões extremamente polêmicas, havia uma tentativa de estabelecer diálogos mais paritários entre os homens, provocando, também, as mulheres para a importância de uma memória que conte suas histórias. A autora compreendeu que há um modo próprio feminino de se interrogar o mundo, um jeito particular de abordar o passado, desenvolvendo, assim, uma proposta de releitura da história sob um ponto de vista feminino.

Considerando o fato de ser uma historiadora do sexo feminino que pesquisava o movimento operário francês, ela buscou não alterar em nada a maneira como estava sendo retratado o seu objeto de pesquisa, desconsiderando um pouco os processos de narrações. Perrot (1988) buscou focalizar sua pesquisa nas manifestações do dia a dia da mulher, comumente ignorada pelos homens, batendo de frente com os discursos naturalistas, que apoiados na medicina e na biologia, que inferiorizavam o sexo feminino, fazendo com que surgisse a partir daí o termo “sexo frágil”. Consideremos, a seguir, um fragmento do texto da referida autora:

Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos. (PERROT, 1988, p. 177)

Ainda, conforme Perrot (1988), o século XIX centrava-se na ideia de que cada sexo possui suas respectivas funções, papéis, tarefas e espaços. Essa ideia se tornava ainda mais difundida nos ambientes de trabalho, tornando-os ambientes altamente sexuais. A autora em questão tematiza, também, em sua obra, um pouco sobre as “donas-de-casa”, que, no século XX, com o advento da eletricidade, as donas-de-casa passaram a ser consideradas verdadeiras “engenheiras”, por comandarem máquinas industriais e por dominarem as “artes domésticas”.

2.2. FALTA DE LIBERDADE E DO DIREITO AO VOTO

Em sua obra mais recente *As mulheres ou os silêncios da História* (2005), publicada inicialmente entre os anos de 1974 e 1998, em livros e em revistas especializadas, Perrot (2005) dá continuidade a suas pesquisas e contribuições sobre a "história de mulheres". Nessa obra, a autora aborda as dificuldades vividas pelas mulheres no trabalho, nas fábricas e principalmente dentro dos lares, nos quais, a historiadora afirma: a “dificuldade da história das mulheres deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados” (PERROT, 2005, p. 29). Ao afirmar isso, a

teórica nos apresenta uma medida política para os debates sobre gênero, cidadania e direitos igualitários. Vejamos, a seguir, o que comenta a referida autora:

a história das mulheres interessou-se inicialmente por seus papéis privados, observando-os, de certa forma, lá onde elas estavam, em seus corpos, sua casa, seus gestos cotidianos, correndo o risco de fechá-los em uma repetição [...] [mas] a questão do poder colocou-se rapidamente, pois ela funda a relação entre os sexos. (PERROT, 2005, p. 261).

Motivadas pelo desejo de terem sua própria história, as mulheres foram conquistando cada vez mais direitos, dentre eles, o direito ao voto, conquistado primeiramente no Brasil, no dia 03 de maio de 1933, nessa mesma ocasião aconteceu o primeiro o alistamento político feminino; sendo eleita a primeira mulher constituinte, a médica paulista Carlota Pereira de Queiroz³. De um lado, a conquista do direito ao voto; de outro, a uma carreira profissional, que não privou as mulheres de se submeterem ao machismo masculino.

2.3. LIDANDO COM PRECONCEITOS E COM ASSÉDIOS

Perrot (2005) observou como a sociedade se voltava, apenas, para o pensamento masculino, e como essa sociedade pouco se sensibilizava com as preocupações femininas. Isso contribuía mais ainda para o silenciamento da história das mulheres, no século XX. Essa estudiosa enfatizou que os olhares sobre os corpos femininos eram, na maioria das vezes, sexistas e estereotipados. Ela notava, também, que os espaços de fala dados às mulheres eram mínimos, sobre isso afirmou:

a criação literária e artística, a produção industrial e as trocas, a política e a história – mas também, e ainda mais, canalizando sua energia para o doméstico revalorizado, e até mesmo para o social domesticado. (PERROT, 2005, p. 279).

³ Carlota Pereira de Queirós (São Paulo, 1892-1982) foi uma médica, escritora, pedagoga e política brasileira. Foi a primeira mulher brasileira a ser eleita deputada federal.

Perrot (2005) reforça a importância das discussões sobre gênero para a compreensão das problemáticas voltadas à família, à violência, ao assédio sexual, que afetou e, ainda afeta, várias mulheres nos dias de hoje. As disputas de poder nos espaços sociais motivaram os movimentos de luta. Em suas pesquisas, a autora percebeu que há diferenças entre os sexos, nos ambientes de trabalho, na verdade, há uma tentativa de rompimento contra o sistema opressor, dominado por homens, conforme afirma a pesquisadora em questão:

As mulheres não são nem passivas, nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por mais reais que sejam, não bastam para contar a sua história (PERROT, 2005, p. 152).

A segregação dos espaços sociais mostrou como as mulheres foram ocupando cargos importantes nas fábricas, nos escritórios e em locais considerados masculinos, rompendo, assim, com os limites impostos pela sociedade, e estabelecendo um início à “paridade entre os gêneros”. Ao mesmo tempo, eram criados espaços exclusivamente femininos como pontos de sociabilidade, dentre eles: os lavadouros, os domicílios, etc.

A partir daí, começaram a surgir as divisões sexuais do trabalho, em que se estabelecia um lugar para a mulher; nos dizeres de Perrot (2005, p. 90): “o destino da mulher é a família e a costura”. Essas normas sociais foram mudando, ao longo do tempo, a ponto de que homens e mulheres passaram a frequentar os mesmos lugares. Essas mudanças são frutos de muitas lutas e de transgressões. Os espaços públicos que antes eram tidos como masculinos foram dando lugar às mulheres, as quais estavam destinadas, apenas, a espaços privados, tais como: o lar e os interiores das fábricas.

As reivindicações por salários mais justos, por redução nas jornadas de trabalho, por capacitações nos usos das máquinas, por liberdade sexual, entre outras pautas de luta, puderam acontecer na vida das mulheres, que entenderam que era necessário se unirem e lutarem pelo bem comum de todas.

3. RUPTURAS E TRANSFORMAÇÕES: MULHERES NA LINHA DE FRENTE

No final do século XX, as mulheres já assumiam o papel de ser social-prático, protagonizando e executando funções importantes na sociedade. Pode-se dizer que as conquistas feministas foram indispensáveis para que as mulheres pudessem se destacar num mundo tão violento e misógino. Como agentes transformadoras, as mulheres foram, aos poucos, posicionando-se nas linhas de frente dos movimentos de luta e puderam disseminar, no seio da sociedade e ficaram munidas de empoderamento feminino, contribuindo para os diferentes feminismos vindouros.

As mulheres puderam experimentar a sensação de serem reconhecidas por suas particularidades, quais sejam: mulheres de cor, lésbicas, judias, pobres, mães solteiras, etc., situando as mulheres no âmbito social, parte integrante de uma cultura. Dessa forma, o discurso patriarcal foi ganhando um contradiscurso de reprovação, por não considerar as emergências de milhares de mulheres.

Com isso, elas começaram a organizar movimentos de legitimidade política, que buscava visibilidade e uma voz no âmbito de uma sociedade “fálica”. Neste caminho de “reconstrução da história”, as primeiras “feministas” puderam “remodelar” a forma de pensar “o poder”. Para Foucault (2002), as relações de poder geram novos saberes, produzem deslocamentos e incitam provocações. Em *Vigiar e Punir* (2002), o pensador descreve os efeitos do poder:

Temos que deixar de descrever sempre os efeitos do poder em termos negativos: ‘ele exclui’, ele ‘reprime’ ele ‘recalca’, ele ‘censura’, ele ‘abstrai’, ele ‘mascara’, ele ‘esconde’. Na verdade, o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção. (FOUCAULT, 2002, p. 161).

Foucault (2002) propõe pensar o poder como uma rede de relações entre os indivíduos, em que todos estão imersos numa espécie de jogo dinâmico, em que uns são dominantes e os demais os dominados. Nessa perspectiva, pode-se entender que o poder produz o domínio dos corpos, dos gestos, das ações dos indivíduos, normatizando as condutas, definindo o que é lícito e ilícito. Nesse sentido, que mulheres ao perceberem

essas relações de poder, que, em suma, é de dominância masculina, foram às ruas lutar por igualdade entre os gêneros.

3.1. UM BREVE RESUMO DOS PRIMEIROS MOVIMENTOS FEMINISTAS

Os primeiros movimentos denominados feministas ocorreram em várias partes do mundo, o que contribuiu ainda mais, para o surgimento da história das mulheres. Nos Estados Unidos, por exemplo, os primeiros movimentos desencadearam uma série de reivindicações para as lutas sociais das mulheres, conseguindo provocar a sociedade por meio de protestos em forma de passeata nas ruas.

Ao mesmo tempo, vários estudantes também abraçaram a causa e se mobilizaram dentro das universidades, passando a se dedicar ao estudo das mulheres. Dessa forma, foram surgindo pesquisas, publicações acadêmicas voltadas à história de luta das mulheres, algo que antes não era reconhecido como história nas principais universidades americanas.

O movimento feminista buscou entender a concepção de poder foucaultiana, para poder pensar as relações de gênero e, com isso, denunciar o modelo tradicional de mulher. As mulheres que estavam à frente dos movimentos preocuparam-se em investigar técnicas, procedimentos e estratégias táticas de políticas que constituíssem uma nova mentalidade feminina, e que legitimasse o corpo da mulher como uma instituição política, dando, sobretudo, novas definições de feminilidade diferentes dos padrões e/ou normas estabelecidos por homens.

Os padrões masculinos reduziam as mulheres, apenas, à esfera privada do lar, da família, dos cuidados do marido e dos filhos. A medicina utilizou dos discursos biológicos para afirmar que certos comportamentos femininos são patológicos, e, portanto, deveriam ser proibidos. Nesse sentido, é que as primeiras feministas inconformadas com o domínio e com os ditames masculinos se empenharam em romper com os discursos misóginos, para não engendrar um conceito único de feminização cultural.

O impacto dos primeiros movimentos feministas contribuiu para a formação do homem novo, que agora se sensibilizava com as lutas pela igualdade das mulheres. Em

sua obra *Do cabaré ao lar – a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*, de Margareth Rago (2014), a autora destaca o papel desse “homem novo”:

Várias vozes se levantaram entre os libertários, defendendo os direitos da mulher, buscando conscientizá-la da importância de sua libertação numa sociedade machista e opressora, anunciando a possibilidade do amor livre, da maternidade voluntária, da igualdade de direitos entre os sexos, da eliminação da prostituição, a partir da construção de uma ordem social fundada na igualdade, na liberdade e na justiça social. (RAGO, 2014, p. 87).

Nessa obra, Rago (2014) nos apresenta os movimentos operários femininos que ocorreram no Brasil nos anos 20, que significou um marco na história, pois as mulheres tiveram a oportunidade de serem porta-vozes de suas próprias trajetórias de luta, rompendo, assim, com o patriarcado de raiz colonial. Esses movimentos ajudaram a instituir os primeiros sindicatos e os partidos com política feminista. A autora destaca a militância feminina na atuação de mulheres, como a socialista Ernestina Lesina, as militantes anarquistas Elizabete Valentini e Elvira Boni, a escritora Maria Lacerda de Moura, a comunista Laura Brandão (RAGO, 2014, p. 97).

Tais mulheres negaram-se a aceitar o mito da passividade feminina, pois não visavam destronar os homens de seus postos, mas afetá-los, de forma que suas vozes em forma de reivindicações pudessem ser ouvidas. Isso gera um descontentamento por partes de homens que se recusavam em abraçar a causa e a atuação das mulheres. Dessa forma, é válido dizer que toda ou qualquer prática feminista busca promover o pensamento de igualdade entre os gêneros.

O feminismo, no Brasil, é compreendido como um movimento de muitas faces e fases. A presença das mulheres no cenário social brasileiro, nas últimas das décadas, possibilitou a criação dos primeiros movimentos feministas no Brasil que, mesmo sob o regime militar, permaneceram resistentes nos vinte e um anos em que o país esteve sob o regime militar. Frente à oposição, essas primeiras mulheres conseguiram criar suas próprias bases de organização, que visavam garantir direitos, justiça e democratização igualitárias.

O período que compreendeu a ditadura dos anos 60 e os movimentos operários dos anos 70, que se opuseram as regras autoritárias das milícias brasileiras, resistindo e lutando, como uma coluna vertebral, pelas causas democráticas, por conquistas de cidadania e de melhorias no sistema econômico. As primeiras mulheres consideradas feministas, foram altamente massacradas pela mídia da época, por transgredirem todo um cotidiano doméstico já imposto por homens; ser feminista era sinônimo de ser “mulher feia”; ser “mulher mal-amada”; ser “marginalizada”, ser “masculinizada” e ser “ressentida”.

O movimento feminista, no Brasil, emergiu como o mais amplo, diversificado e radicalizado e foi o movimento revolucionário de maior relevância na América Latina. As crises na economia, as inflações e o processo de abertura política mobilizaram os movimentos operários de mulheres, nos anos 70. Durante a ditadura, muitas dessas mulheres foram torturadas e presas por militares, por homens, por adolescentes e por jovens; estes, sob alegação de que elas supostamente participavam de movimentos políticos e que se opunham ao regime dos militares, como era o caso do movimento feminista, praticavam violência contra essas mulheres pelas insurgências.

A teorização por trás dos primeiros movimentos de mulheres foi fonte de inspiração, para diversas discussões e fundamentação dos movimentos feministas. A partir dessas teorizações, diferentes trajetórias de militância feminina surgiram, baseadas nas experiências vividas pelas mulheres que levantaram diferentes bandeira do feminismo. Nas últimas décadas, a presença da mulher no cenário social brasileiro reforçou a agenda de luta dos movimentos.

De forma geral, os primeiros movimentos feministas brasileiros, surgidos a partir dos anos 70, possibilitaram o engajamento político das mulheres que se preocuparam com os processos de democratização e de globalização dos espaços sociais. O movimento feminista, no Brasil e no mundo, surgiu como ponto de partida na construção da memória de lutas e de conquistas dos direitos e das práticas éticas e, que pudessem atender as condições sociais que tornassem as mulheres como sujeitos suficientemente capazes de transformar a si mesmas e de escrever a sua própria história no mundo.

3.2. O MODELO IMAGINÁRIO DE MULHER

Rago (2014) segue sua obra destacando as profundas transformações que o movimento operário feminino causou nas relações de gênero, e ressaltando a crescente valorização do feminismo, das reivindicações dos direitos da mulher, bem como das práticas de luta que eclodiram dentro da sociedade. Porém, as mulheres feministas continuaram sendo associadas aos estereótipos de "machas-feias" e de "mal-amadas", e percebidas como infelizes e sexualmente rejeitadas pelos homens. O escritor Oswald de Andrade⁴ chegou a ridicularizar as sufragistas⁵.

Nos anos 70, era forte a associação da figura da mulher feminista com o lesbianismo, a histeria, o "furor uterino", a incapacidade de ser amada por um homem, o padrão de beleza estabelecido; todas essas concepções misóginas vitorianas sobre a sexualidade feminina marcaram profundamente o surgimento dos movimentos feministas, muito do que hoje foi conquistado nas últimas três décadas, foram resultados de lutas e de resistência de uma época.

Rago (2014) caracteriza a figura romântica feminina, comumente associada ao lar, e as exigências do casamento, opondo-a em contraste com a figura da "nova" mulher combatente que surgiria, conforme afirma a seguir:

Por outro lado, não se trata de querer recuperar uma imagem heroica da mulher, como figura combativa mais silenciada pelo discurso dos dominantes, uma vez que em grande parte ela também foi conveniente com a construção, ou pelo menos com a aceitação da representação romântica da esposa-mãe-dona-de-casa. (RAGO, 2014, p. 102).

Com isso, Rago (2014) nos leva a uma concepção do modelo imaginário da mulher, que em meados do século XIX era vista como: frágil, abnegada e feminina. Essa representação simbólica da mulher fazia com que muitas mulheres não se reconhecessem nos modelos estipulados pela sociedade, e estas estariam fadadas à anormalidade, ao

⁴ José Oswald de Sousa de Andrade, (São Paulo, 1890-1954) foi um escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro. Foi um dos promotores da Semana de Arte Moderna que ocorreu 1922 em São Paulo, tornando-se um dos grandes nomes do modernismo literário brasileiro.

⁵ Movimento social, político e econômico de reforma, com o objetivo de estender o sufrágio (o direito de votar) às mulheres. Participaram do sufrágio feminino, mulheres e homens, denominados sufragistas. A Nova Zelândia se tornou o primeiro país a garantir o sufrágio feminino em 1893.

pecado e ao crime, opondo-se à “ordem natural das coisas”:

As recompensas da carreira do casamento e da maternidade: uma relação mais sólida entre os membros da família, o amor do marido, a mulher elevada à condição de figura central do seu território. De outro, as punições: sentimentos de culpa, frustração, os castigos da natureza contrariada, os perigos físicos da não procriação ou da retenção do leite, no caso das mães etc. (RAGO, 2014, p.109).

A nova mulher que não se encaixasse neste imaginário ou representação⁶ começava a ocupar os espaços públicos e sociais, os cargos públicos, as universidades e os demais ambientes tidos como de exclusividade masculina.

Assim, as mulheres feministas iam muito além do universo doméstico, transformando-se para assumir uma nova conduta de mulher moderna, que passa a ser adotada na sociedade. De tal modo que as coisas, tais como: o vestuário, os gestos, as práticas no âmbito privado, foram ganhando adaptações novas, de modo que as mulheres passaram a se comportar como sujeitos ativos e autônomos, e, em certa medida, não mais submissas ao controle do marido.

O novo conceito de feminilidade passou a ser incluído nas revistas e nos principais meios de comunicação. A televisão e o rádio, foram um desses meios de comunicações que mais veiculavam produtos direcionados à família de modelo tradicional/conservador; os temas desenvolvidos priorizavam as questões ligadas à busca do casamento; mulheres traídas e/ou abandonadas; mães solteiras eram rejeitadas pela sociedade.

3.3. A SEXUALIDADE CONJUGAL E O DIREITO AO PRAZER

A sexualidade feminina é uma questão recorrente nas obras da escritora francesa Simone de Beauvoir, no seu famoso livro *O segundo sexo*, publicado pela primeira vez em 1949. Trata-se de uma obra que consagrou a escritora, que analisa e problematiza, de

⁶ Segundo Sandra Jatahy Pesavento (2008), a representação consiste nas formas integradas do grupo social, ou seja, suas normas, discursos, imagens, etc. (PESAVENTO Apud MENDES, 2012, s/p)

modo geral, a concepção biologizante que se tinha da mulher, definida como gênero, apenas por seu aparelho reprodutor e por sua capacidade de reproduzir.

Tal concepção, para Beauvoir (1970), contribuiu para a alienação e para a interiorização da mulher, sendo vista como um indivíduo autônomo que passa pelo fundamento biológico, e que se submete aos sofrimentos da gravidez, do parto e da amamentação. Segundo a teórica em questão:

A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. [...] O termo “fêmea” é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. (BEAUVOIR, 1970, p. 25).

A inferioridade da mulher apontada pela autora pode ser entendida como uma causa da associação da passividade da mulher, em que os papéis sociais foram, ao longo da história, destinados à obediência masculina nas principais sociedades humanas. Para Beauvoir (1970), as circunstâncias biológicas que permeiam o mundo feminino atribuem à mulher o papel ativo na concepção e na maternidade, ou seja, a mulher é, antes de tudo, uma construção. Um construto ideológico que a confina em seu interior individual.

Rago (2014) dialoga com a obra de Beauvoir (1970), ambas pesquisadoras teorizam sobre a sexualidade feminina, e defendem o direito ao prazer sexual feminino, o qual é sucumbido, muitas vezes, por seus próprios cônjuges, dada a forte tradição patriarcal que “demoniza” o sexo e cria uma objetificação sexual do corpo da mulher, principalmente, na figura das prostitutas. Rago (2014) considera que o direito ao prazer é posto em xeque com a representação “santificada” das mães-esposas-donas-de-casa, conforme Rago (2014, p. 114) afirma:

O direito ao prazer no ato sexual é reservado ao homem, enquanto a mulher deve manter sua castidade mesmo depois de casada. A ascensão da figura da mãe pregada pelo discurso burguês inibe a sexualidade conjugal. [...] a ideia do orgasmo materno se torna algo escandaloso ou mesmo irresponsável.

As mulheres foram vistas como seres menos racionais, sexuais e fortes que os homens. A visão de “mulher pública” é tomada como uma forma de transgredir os padrões de sexualidade impostos pela sociedade patriarcal. A partir de 1987, as

“trabalhadoras do sexo” conseguiram uma identidade política. As mulheres buscaram, na masturbação, uma forma de conhecerem seu corpo, tal ato considerado como “patológico” e “pecaminoso”, conforme descreve Rago (2014):

Evidentemente, as conseqüências da prática da masturbação feminina, clitoriana ou vulvovaginal, não poderiam ser menos destrutivas, tanto para o organismo quanto para o espírito: distúrbios digestivos, disfunções do aparelho circulatório e respiratório [...] eram apresentados como fantasmas físicos da “doença.” (RAGO, 2014, p. 115).

Ao longo da história, a masturbação foi considerada uma prática condenável, até mesmo, por médicos que alegavam que homens e mulheres que se masturbavam, estavam sujeitos à perda do desejo sexual e até mesmo da capacidade de procriação. A sociedade patriarcal buscava controlar tudo o que fosse relacionado ao sexo; as práticas sexuais que não fossem ligadas ao casamento eram proibidas pela Igreja, a mulher não tinha o direito ao prazer e muito menos de conversar sobre sexos.

Tal situação entrava em contraste com os cabarés da época, em que os homens tinham a liberdade de buscarem prazer com prostitutas, enquanto suas esposas se submetiam ao lar e aos filhos, conforme descreve Rago (2014, p. 115):

Mulheres de má vida, meretrizes insubmissas, impuras, insignificantes, o que fazer com essas que recusam o aconchego do casamento, que negam a importância do lar e preferem circular enfeitadas pelas ruas, desnudando partes íntimas do corpo [...] surdas aos discursos masculinos moralizadores e que perseguem a todo custo a satisfação do prazer.

O papel das mães eram o de educarem suas filhas para um bom casamento, guardando sua virgindade para seus futuros maridos. Antes, as mulheres desconheciam sua própria anatomia e, portanto, reprimiam suas partes íntimas. Esse pensamento de repulsa era comum no imaginário de algumas mulheres, do século XX, e os discursos em favor do orgasmo sexual feminino nasceram com os movimentos feministas, que passaram a aceitar sua sexualidade, a amarem seus corpos e a se sentirem confortáveis com eles.

A masturbação que antes era permitida somente aos homens se tornou uma alternativa às mulheres que não viam a necessidade de se satisfazerem sexualmente com outro homem. O orgasmo clitoriano passou a ser uma autonomia sexual feminina, e parte

da luta pelo direito ao prazer; a penetração vaginal já não era mais a única forma de as mulheres sentirem prazer. Quanto à conduta e à postura das mulheres que alcançavam autonomia sexual, estas estavam fadadas a uma espécie de confinamento simbólico na sociedade, associado à atitude moral e aos bons costumes. Assim, o desejo sexual deveria ser compartilhado, apenas, com seus parceiros sexuais.

A dominação masculina encontrava formas de barrar os movimentos de autonomia sexual das mulheres, buscavam privá-las de suas condições sociais de seres reprodutores, por meio de esquemas de pensamento. Eles incorporavam nas relações de poder uma prisão simbólica, criando uma série de restrições, a fim de controlar os corpos femininos, que, em contrapartida, eram vulgarizados em revistas e em propagandas sexistas na televisão.

Esse contexto de guerra dos sexos levou milhares de mulheres a romper com os paradigmas culturais, que associavam a mulher à eterna passividade no ato sexual, tal rompimento trouxe grandes conquistas a elas, tais como: as primeiras pílulas anticoncepcionais, o preservativo feminino e o direito ao aborto em alguns países. Agora, os parceiros se viam na obrigação de respeitarem, sexualmente, as exigências do corpo feminino, o que contribuiu para os índices de natalidades no mundo, o que significou mais um avanço na história das mulheres.

O corpo feminino representa imagem de resistência, ocupando um espaço cada vez maior entre as preocupações dos médicos, como também na relação corpo-moda, intensificada pela mídia, e passa a carregar conceitos de moda *unissex*, estabelecendo uma relação direta do vestuário masculino com o vestuário feminino.

A partir dos anos 1960 e 1970, o corpo feminino passa a ser valorizado de uma forma menos sexista, e vai transformando o formato das roupas e os variados biótipos femininos, desde o corpo esguio, em boa forma, ao mais volumoso.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu, em seu livro *A dominação masculina* (1999), trata da construção do corpo feminino ao longo da história ocidental. O autor descreve a divisão entre masculino/ativo e feminino/passivo, a cintura feminina é vista como um signo de clausura e fechamento, assim como a vagina, que permanece um tabu e um fetiche nas sociedades modernas.

Essa diferenciação social entre os sexos resulta em uma definição dos usos legítimos dos corpos, tal diferenciação se dá logo na infância, onde meninos crescem com a missão de se tornarem homens viris e as meninas mulheres delicadas e femininas. O processo de socialização da identidade masculina e feminina são distintas e arbitrárias, no âmbito da cultura e encarnada em *habitus*⁷ diferenciados, conforme afirma Bourdieu (1999, p. 51):

Os atos de conhecimento e de reconhecimento práticos da fronteira mágica entre os dominantes e os dominados, que a magia do poder simbólico desencadeia, e pelos quais os dominados contribuem, muitas vezes à sua revelia, ou até contra a sua vontade, para sua própria dominação, aceitando tacitamente os limites impostos

O conceito de legitimidade apresentado pelo sociólogo retrata a dominação masculina a um paradoxo percebido pelas diferenças do corpo feminino e do corpo masculino, que parte de uma visão androcêntrica⁸ centrada nas características biológicas dos indivíduos, legitimando suas essências numa espécie de hierarquização social. De outro modo, as diferenças biológicas entre o masculino e o feminino são evocadas e mobilizadas numa ampla relação de enaltecimento das semelhanças entre ambos os sexos.

⁷ Conjunto unificador e separador de pessoas, bens, escolhas, consumos, práticas, etc.

⁸ Tendência universal de se reduzir a raça humana ao termo "o homem".

4. DE UMA MINIBRIOGRAFIA DE ANGÉLICA FREITAS E ALGUNS PONTOS RELEVANTES DE SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA

Angélica Freitas é uma poeta gaúcha, nasceu em 1973, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, é formada em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), autora de livros como *Rilke Shake* (2007) e *Um útero é do tamanho de um punho* (2012), é também coautora do romance gráfico *Guadalupe* (2012) e coeditora da revista de poesia contemporânea *Modo de Usar & Co.* Angélica Freitas foi premiada pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, por seu trabalho *Um útero é do tamanho de um punho*, eleito o melhor livro de poesia de 2012.

A obra *Um útero é do tamanho de um punho* (2012), é o segundo livro de poemas da poeta, e sucede *Rilke Shake*, de 2007. Observamos que, em ambas obras, há uma retomada da estética modernista, seja pelo uso dos versos livres, pela utilização da linguagem coloquial, pelo experimentalismo linguístico e pela exploração da paródia; com referências eruditas e populares. Freitas, ainda, retoma o poema-piada, trazendo, assim, um humor irreverente e de *iconoclastia*⁹.

Os poemas de Freitas, também, nos convidam a refletir sobre o feminismo e as relações de gênero. Nesse sentido, a fundamentação teórica irá nos ajudar a criar uma rede de relações sobre esses temas. Porém, de antemão, já podemos dizer que Freitas apresenta um estilo poético irônico e “agridoce”. Essa última qualidade é mais latente em seu segundo livro: *Um útero é do tamanho de um punho* (2012), cujos poemas problematizam as representações da mulher, e, essa característica acaba aproximando Freitas de Hilda Hilst¹⁰. Ainda, em Freitas, os discursos e os mecanismos de valorizar a linguagem poética e a abordagem de gênero funcionam como catalizadores de criação poética.

Um útero é do tamanho de um punho (2012), divide-se em sete partes e recebem o seguintes títulos, a saber: (i) Uma mulher limpa (composto de 14 poemas); (ii) Mulher de (composto de 10 poemas); (iii) A mulher é uma construção (composto por sete poemas); (iv) Um útero é do tamanho de um punho; (v) 3 poemas com o auxílio do

⁹ Movimento político-religioso contra a veneração de ícones e imagens religiosas

¹⁰ Hilda de Almeida Prado Hilst, (Jaú, São Paulo, 1930-2004) foi uma poeta, ficcionista, cronista e dramaturga brasileira. É considerada pela crítica especializada como uma das maiores escritoras em língua portuguesa do século XX.

Google (composto de três poemas); (vi) Argentina; (vii) O livro rosa do coração dos trouxas.

De modo geral, suas obras tendem a questionar aspectos das relações de gênero e das concepções do feminino, na sociedade contemporânea. Por isso, acreditamos na relevância desse trabalho; por mais que hajam outros estudos sobre a produção de Freitas, cremos que sempre haverá um novo olhar, para contribuir com essa discussão sobre a mulher. Assim, a literatura (os versos de Freitas) tem o poder de fazer rever/repensar os papéis de gênero, subvertendo as normas impostas socialmente.

5. AS MULHERES DE AGORA, AMANHÃ?

Analisaremos, a seguir, o poema *um útero é do tamanho de um punho*; homônimo do livro, relacionando-o aos contextos históricos apresentados, nesse trabalho. O poema é extenso, apresenta quarenta e duas estrofes; cento e setenta e três versos. A temática principal é o útero da mulher, mas, além dessa temática, estão presentes os discursos relativos às esferas do público e do privado. Vejamos, a seguir, um fragmento do poema:

um útero é do tamanho de um punho
 num útero cabem cadeiras
 todos os médicos couberam num útero
 o que não é pouco
 uma pessoa já coube num útero
 não cabe num punho
 quero dizer, cabe
 se a mão estiver aberta
 o que não implica gênero
 degeneração ou generosidade
 ter alguém na palma da mão
 conhecer os dois, um sobre a outra
 quem pode dizer que conhece alguém
 quem pode dizer que conhece a degeneração
 quem pode dizer que conhece a generosidade
 só alguém que sentiu tudo isso
 no osso, o que é uma maneira de dizer
 a não ser que seja reumático
 ou o osso esteja exposto

im itiri i di timinhi di im pinhi
 quem pode dizer tenho um útero
 (o médico) quem pode dizer que funciona (o médico)
 i midici
 o medo de que não funcione
 para que serve um útero quando não se fazem filhos

para quê

piri qui
 [...]

(FREITAS, 2012, p. 59)

O tema central do poema é voltado às coerções exercidas pelo órgão reprodutor feminino – o útero. Vemos que ele interfere nos discursos que cristalizam o “ser mulher”, e as interferências estão interdidas, pelo menos, no que diz respeito ao exercício da sexualidade e da interrupção de uma gravidez indesejada. Note-se que a palavra “mulher” está presente em toda a extensão do texto, o que reforça, talvez, uma condição de

passividade do sujeito feminino, já que pode estar submetida à voz e ao poder dos “outros”.

O verso-título é repetido quatro vezes, ao longo do poema, e reforça a associação comparativa entre útero e punho, duas palavras de rima toante, e que não fazem parte do mesmo campo semântico. O útero, além de ser um órgão muscular oco do aparelho genital feminino, acolhe o óvulo já fecundado, sendo o involucre de um novo ser. O útero em sentido religioso representa a “madre” (a mãe do corpo, a matriz) é um *locus* de perpetuação da vida. Já, a palavra punho, ignorando as acepções de vestuário, refere-se à mão fechada, à força da mão bem fechada. Além disso, o punho representa a parte de arma branca em que se segura o cabo, é uma empunhadura.

Assim, qual seria a relação entre as duas palavras? A imagem de que o útero é semelhante ao punho, não só em tamanho, mas, também, em sua função de acolher, de segurar um feto, é como uma “mão fechada”. Tal associação, ainda, evoca as forças externas que agem sobre o útero quanto à sua capacidade reprodutora, por exemplo, quando na obrigatoriedade de uma gravidez ou na proibição da prática de aborto. Sabemos que há diversas instituições e/ou agentes externos à mulher, que vão/estão além da sua esfera íntima – o legislativo, a igreja, a escola, a mídia, os religiosos, os cientistas, os médicos, que determinam sobre o corpo feminino.

Com isso, as circunstâncias se estendem até aquele que possui o útero – a mulher, que é, nesse poema, representada por meio de uma premissa que a reduz ao útero feminino, tendo-o como ideia fundamental, que o processo de reprodução é determinante no papel social de mãe. Contudo, temos uma subversão, por força das imagens e da linguagem, que ajudam a criar uma atmosfera *nonsense*¹¹, assim, o útero extrapola seus significados primeiros, ele é capaz de abrigar mais do que fetos, ele acolhe “médicos”, “cadeiras” e “pessoas”. Mas, por quê? Porque ele é um útero social, e, não apenas, o ninho da fêmea, com direitos totais a quem o possui, sem interferências (ou pressões) externas.

Assim, o útero passa a ser social e objetificável, o poema vai personalizando a capacidade geradora das mulheres, ao dizer que, nesse órgão, cabem indivíduos adultos e objetos. Claro que nessa condição, já não caberiam mais na palma de uma mão, a não ser, figurativamente. As expressões encontradas no poema: “ter alguém na palma da mão” ou

¹¹ Frase, linguagem, dito, arrazoado, etc., desprovido de significação ou coerência. Absurdo ou disparate.

“conhecer alguém na palma da mão” revelam o contato humano implicado nas relações de poder e de conhecimento psíquico. Dessa forma, as relações sociais determinam também sofrimentos e ou (com)paixões, por exemplo, nos versos: “quem poderia dizer que conhece a degeneração / quem poderia dizer que conhece a generosidade / só alguém que sentiu tudo isso / no osso, o que é uma maneira de dizer / a não ser que esteja reumático / ou o osso esteja exposto (FREITAS, 2012, p. 59). O sofrimento do “outro” só serve se vocês estiverem na condição do “outro”, em que o sofrimento intenso é sentido “no osso”, como uma fratura ou uma fissura social e psíquica.

O humor irreverente, também se faz presente, e pelo uso linguístico dita língua do “i”. Assim, o jogo literário não é só o da dor, mas do lúdico também. A substituição das vogais das palavras: “piri qui”; “i midici”, “im itiri i di timinhi di im pinhi”, etc., dá ensejo a uma fala “estranha”, beirando a infantilizada. Vejamos, a seguir, o seguinte fragmento:

se tenho peito tenho dois
o mesmo vale pros rins
tenho duas orelhas
minis i vincint vin gigh

piri qui

úteros famosos:
o útero de frida kahlo
o útero de golda meir
o útero de naria quitéria
o útero de alejandra pizarnik
o útero de hiliary clinton
[o útero de diadorim]

(FREITAS, 2012, p. 60)

A frase afirmativa, da primeira estrofe, referente-se à anatomia: “peito”, “rins” e “orelhas”, e ajuda na construção do jogo lúdico: “minis i vincint vin gigh”; que, além de engendrar questões de relações de gênero, também cria um jogo de referências intertextuais. Ainda, temos, nessa estrofe, a reiteração: “o útero de [...]”, que faz um jogo poético sonoro potente e cria imagens singulares, pois cada uma tem o seu útero. Além disso, a construção paralelística, da terceira estrofe, também, enfatiza aquilo que une as mulheres célebres: o útero. Vemos que, no plano de conteúdo, os úteros das mulheres famosas as caracterizam, todos eles (os úteros) estão imbricados de uma história, de um

contexto social, que une: gênero, raça e classe. Cada uma delas têm o seu útero, por exemplo, sabemos que Frida Kahlo¹² sofreu muito com vários abortos espontâneos, talvez, para essa artista, o útero poderia ser calvário, uma vez que os problemas com ele não a deixavam ser mãe. Atentemos, ainda, para essa terceira estrofe, que apresenta entre “colchetes” uma personagem ficcional conhecida como “Diadorim”, e que faz parte da obra *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa¹³. Nessa história, Diadorim era “travestido” de homem, mas era mulher.

Observamos, também, que o poema apresenta, quanto à forma, uma estrutura fragmentária, em que a temática central vai desdobrando-se em vários subtemas: “um útero expulsa os óvulos/ óbvios/ vermelho =/ tudo bem!/ isti tidi bim/ vici ni isti grividi”. (FREITAS, 2012, p. 60). Por exemplo, vemos o “alívio” representado pela menstruação (quando os óvulos não são fecundados, cumprem seu ciclo e são transformados, na matéria vermelha, a qual a mulher expele). Nesse estado, não há gestação, assim, parece-nos que juntamente à visão biológica há as responsabilidades sociais, aliás, são essas que determinam a criação dos filhos.

De acordo com as leituras das obras das teóricas Rago (2014) e Perrot (1998/2005), podemos afirmar que a obrigatoriedade da maternidade tem fundamento na tradição religiosa, em particular, a católica, que santifica a figura materna, em cuja forças, agentes e discursos são enunciados nos versos: “um útero é do tamanho de um punho/ num útero cabem capelas/ cabem bancos hóstias crucifixos/ cabem padres de pau murcho/ cabem freiras de seios quietos/ cabem as senhoras católicas/ que não usam contraceptivos / militando diante das clínicas/ às 6h na cidade do México [...] ” (FREITAS, 2012, p. 61). Essa visão tradicional e religiosa terá um “peso” muito grande sobre as mulheres. Contudo, vemos como a poeta propõe uma subversão, jogando com o lúdico; com o recurso poético da ironia, ela vai desconstruindo as convenções sociais e vai satirizando as ideologias cristãs.

Essa repetição do verso “um útero é do tamanho de um punho” desencadeia uma série de “úteros”, em que o jogo se faz entre o útero “público” e o “privado”. Observamos,

¹² Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón (Coyoacán, 1907-1954) foi uma pintora mexicana.

¹³ João Guimarães Rosa (Cordisburgo, 1908-1967) foi um escritor, diplomata, novelista, contista e médico brasileiro, considerado um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos.

também, que a repetição da forma verbal “cabem” enfatiza uma invasão, e dá a entender que o cotidiano ressurge na rima rica entre as monossílabas “vão” e “pão”, nos versos: “cabem cabem / sim cabem / e depois vão / comprar pão.

Ainda, percebemos nos versos, a seguir: “repita comigo: eu tenho um útero / fica aqui / é do tamanho de um punho/ nunca apanhou sol / um útero é do tamanho de um punho/ não pode dar soco/ questões importantes: movimentação da bolsa/ sacas de soja/ reservas de água [...] (FREITAS, 2012, p. 61).

Olhando, do ponto de vista anatômico/biológico, fica claro que um útero nunca tomaria sol. Mas, do ponto de vista social, o verso: “não pode dar soco” remete para “fragilidade” da mulher, porque, mesmo sendo ele “do tamanho de um punho”, o útero não foi “feito” para golpear/socar, ou, seria isso uma imposição a postura da mulher?

A poeta chama a atenção do leitor, idem a uma “utilidade pública”, e declara “questões importantes/ movimentação da bolsa/ sacas de soja/ reservas de água/ barris de petróleo”, são questões econômicas que movimentam muito mais o mundo masculino. Essa valorização das coisas materiais irão fazer um contraponto, com o grave problema dos abortos feitos em clínicas clandestinas, fenômeno que comunga da vida pública, mais que pela ordem do sistema capitalista e das relações de gênero, não são pautas importantes como o mercado econômico. Assim, poderíamos fazer uma pergunta: O que vale uma vida?

Apesar das interferências ao descaso da saúde da mulher, o poema não deixa de evidenciar o direito da mulher ao aborto, que permanece submetido a questões de ordem moral ou religiosa. A questão do aborto está, paradoxalmente, ligado ao Estado e à esfera pública, esses parecem, ainda, exercer “controle” sobre o corpo da mulher, conforme vemos, nos seguintes versos:

voltemos ao útero:
manha manha
pata de aranha

quem manda nas entranhas
de mamãe

tiru tiru
lero lero
_____ a-b-o-r-t-o-u
eu não posso

(FREITAS, 2012, p. 62)

Então, “eu não posso”, ainda, ser dona do meu corpo? Mas, “eu posso” morrer nas clínicas de aborto clandestinas? São questões urgentes, que precisam ser debatidas na sociedade.

Nos versos que se seguem aparecem algumas temáticas relacionadas ao universo da cultura popular e do folclore, na forma de uma reescrita de parlendas¹⁴, de lendas, de ditados populares e dos cancioneros populares. Freitas, no nível formal, também apresenta um procedimento criativo: a remontagem de fragmentos de outros textos existentes na cultura, assim, os versos vão se (re)combinado e se ressignificando, ao longo do poema.

A bruxa, que faz parte do imaginário coletivo, pode ser vista como a mulher “má”, dela pode vir a receita “abortiva”, em seu caldeirão vai: “pata de aranha” às “entranhas”. A parlenda do “Tero lero lero/ Tero lero lero/ Tenho tudo quanto quero”, expressa que a mulher “pode” não-pode abortar.

Os versos: “a menina que não estuda/ vai puxar carroça/ a égua foi à escola/ ficou do lado de fora” (FREITAS, 2012, p. 63) tratam da autonomia das mulheres, mas fala, também, da alienação feminina.

Freitas, utilizando-se da produção cultural existente, do universo infantil, refaz o ingênuo, o lúdico e o irreal, com lances de ironia, de sarcasmo e de humor corrosivo.

O lúdico, que é característico da tradição oral, é notado nos trocadilhos, nos seguintes versos: “se a bunda fosse na frente/ e os peitos fossem atrás/ livros abundariam/ pra instruir o rapaz”. O riso, nesse caso, já não é algo gratuito, não serve para desconsiderar a objetificação do corpo feminino representam a contestação dos discursos masculinos e capitalista, como vemos nos versos:

¹⁴ Rimas infantis que divertem as crianças, ao mesmo tempo que trabalham com a memorização e a fixação de alguns conceitos

vini vidi vici
piri qui

prezadas senhoras, prezados senhores
excelentíssimo ministro, querida rainha da festa da uva,
amigos ouvintes, brasileiros e brasileiras:
apresento-lhes
o útero errante
o único
testado
aprovado
que não vai enganchar
nas escadas rolantes
nem nas esteiras
dos aeroportos
o único
com passe livre nos estados schengen

querida amiga, dicas para conservar
melhor seu útero:
a gente nunca sabe quando vai precisar
do nosso útero –
em repouso
é tão pequeno e precioso
por isso é bom mantê-lo
num lugar seguro
longe da luz
a uma temperatura
de 36 graus
se alguém insistir para vê-lo
diga: bem rapidinho
não faça barulho

caros alunos: hoje vamos dissecar
o útero daquela que foi
uma das maiores cantoras nacionais
[...]

(FREITAS, 2012, p. 64)

A partir do verso: “vini vidi vici”, que é uma brincadeira com a frase: “veni, vidi, vici”¹⁵ (traduzida como “vim, vi, venci”), temos os temas da vitória e dos discursos de poder e de controle. Há referências a diferentes discursos, quais sejam: os públicos, os oficiais, os das revistas de moda, os de programas televisivos, os da escola e os da academia científica. Tudo isso, trabalhado de modo sarcástico, para questionar os discursos de controle e de poder. Além disso, nessas dicas de conservação do útero, ele passa a ser uma “preciosidade”, quase um “objeto” que não pode ser profanado, por isso,

¹⁵ Essa frase foi supostamente proferida pelo cônsul-general romano Júlio César (47 a.C.)

ele ganha *status* de sagrado, e “se alguém insistir para vê-lo/ diga: bem rapidinho/ não faça barulho”.

Ainda, os efeitos de humor, por meio da inventividade poética, vão fazendo com que o poema “Um útero é do tamanho de um punho” ganhe ritmo veloz. Ouçamos os seguintes versos:

apêndice:

alguns fatos que rimam sobre o útero:

o útero fica
entre o reto
e a bexiga

uma das extremidades
se abre na vagina
outra é conectada
às duas tubas uterinas

[...]

(FREITAS, 2012, p. 65)

Já, no final do poema, observamos uma classificação fonológica, descritas com palavras do campo lexical da palavra útero, além do jogo entre “útero” e “literatura”, como vemos, nos seguintes versos:

a camada
é o que sobra do endométrio
depois da menstruação

monossílabos empregados
em literatura sobre o útero:

um

dissílabos: feto, cérvix, pélvis, parto

trissílabos: útero, vagina, falópio

outros polissílabos: mamíferos, mesométrio

a 36 graus
em ante-verso-flexão

i piri qui

(FREITAS, 2012, p. 66)

O poema-título termina com uma pergunta: “i piri qui” (e para quê?), essa pergunta é de suma importância para tensionar o ser-útero. Ainda, do ponto de vista formal, vemos jogos poéticos que recuperam a tradição da poesia moderna, a exemplo da ausência de ponto final, da experimentação poética com a linguagem, da expressividade do uso de letras minúsculas nos nomes próprios, etc. Tudo isso vai criando uma sensação de um *continuum* entre as estrofes, que parecem sempre quer dizer mais do que dizem, e isso vai despertando e prendendo a atenção do leitor, em seu jogo de completar sentidos.

Ao analisarmos esse longo poema “um útero é do tamanho de um punho”, verificamos que a representação do feminismo (e sabemos que temos diferentes feminismos, pois o feminismo não é um movimento uniforme), dá-se na forma de arma de combate o “punho”, mas são muitos “úteros-punhos” transmutados pela história de luta das mulheres.

A poesia emancipa o corpo da mulher, expressa-se, reproduz o gozo, o prazer calcado numa sensibilidade feroz e amazona¹⁶. Esse poema ressalta as subjetividades e as intersubjetividades do universo feminino, ao mesmo tempo, ele aponta para os atos de violência contra a mulher. O poema afeta o leitor, não há conformismos nele, pois a mulher pode ir além das fronteiras da objetificação dos corpos e das restrições sociais. O poema é um arauto a todas as mulheres que enfrentam uma cultura conservadora e opressora, uma sociedade, ainda, machista comumente avessa aos direitos dos grupos “ditos” minorias. Assim, a luta é contra as cristalizações políticas que inviabilizam as diferentes representatividades.

Após a análise do poema *um útero é do tamanho de um punho*, focaremos nas representações das mulheres. As mulheres são anônimas, mas ganham características pelo uso dos adjetivos: tais como: “uma mulher limpa”, “uma mulher gorda”, “uma mulher sóbria”, “uma mulher feia”, uma mulher suja”, “uma mulher insanamente bonita”, etc. Ou pelo uso da preposição, no sentido de estabelecer relações de sentido e de dependência: “mulher de vermelho”, “mulher de valores”, “mulher de posses”, “mulher de rollers”,

¹⁶ Mulher de caráter guerreiro que na mitologia grega, eram as integrantes de uma antiga nação de mulheres guerreiras.

“mulher de um homem só”, “mulher de respeito”, “mulher de malandro”, “mulher de regime”.

Vejamos, a seguir, o poema de abertura do livro “porque uma mulher boa” (p. 11), que está na parte intitulada “Uma mulher limpa”:

porque uma mulher boa
é uma mulher limpa
e se ela é uma mulher limpa
ela é uma mulher boa

há milhões, milhões de anos
pôs-se sobre duas patas
a mulher era braba e suja
braba e suja e ladrava

porque uma mulher braba
não é uma mulher boa
e uma mulher boa
é uma mulher limpa

há milhões, milhões de anos
pôs-se sobre duas patas
não ladra mais, é mansa
é mansa e boa e limpa

(FREITAS, 2012, p. 11)

Qual é o projeto de “civilidade” e de “evolução” para uma mulher? É ser boa, no sentido de uma passividade, ser “mansa”? é ser “boa e mansa”, para o controle social e dos corpos. A ideia de limpeza também já foi no passado motivo de controle dos corpos. Os discursos médicos tratavam de ideia de higienização, como um modo de controle, de punição e de interdição. Assim, Freitas retoma alguns conceitos de gênero e de poder/controle, para nos fazer refletir como a mulher pode se “moldada” pela sociedade. Grande parte dos poemas, dessa seção: “Uma mulher limpa”, toca nessa questão da limpeza, assepsia corporal e suas implicações no âmbito do universo mulher.

Outra parte intitulada “A mulher é uma construção” tem um poema homônimo. Vejamos, a seguir, o poema:

a mulher é uma construção
deve ser

a mulher basicamente é pra ser
um conjunto habitacional
tudo igual
tudo rebocado
só muda a cor

particularmente sou uma mulher
de tijolos à vista
nas reuniões sociais tendo a ser
a mais mal vestida

digo que sou jornalista

(a mulher é uma construção
com buracos demais

vaza

a revista nova é o ministério
dos assuntos cloacais
perdão
não se fala em merda na revista nova)

you é mulher
e se de repente acorda binária e azul

e passa o dia ligando e desligando a luz?
(you gosta de ser brasileira?
de se chamar virginia woolf ?)

a mulher é uma construção
maquiagem é camuflagem

toda mulher tem um amigo gay
como é bom ter amigos

todos os amigos têm um amigo gay
que tem uma mulher
que o chama de fred astaire

neste ponto, já é tarde
as psicólogas do café freud
se olham e sorriem

nada vai mudar —

nada nunca vai mudar —

a mulher é uma construção

Ao lermos o poema, observamos que Freitas retoma um conceito defendido pela teórica Beauvoir de que a mulher é uma construção. Se ela é uma construção, quem é que a constrói? Nessa perspectiva, Freitas vai jogando com a ideia de construção de modo jocoso e lúdico, para ir fazendo vir à tona “identidades” para a mulher. Mas, essa situação de ela ser uma construção pode mudar? Pelo que vimos no poema parece que não: “nada vai mudar – / nada nunca vai mudar – / a mulher é uma construção”.

Porém, o que se pode abrir como possibilidades para as mulheres no futuro? A resposta pode vir da própria Beauvoir (2008, p. 50), quando afirma que: “[...] existe hoje um número assaz grande de privilegiadas que encontram em sua profissão uma autonomia econômica e social. São elas que pomos em questão quando indagamos das possibilidades da mulher e de seu futuro”. Nesse sentido, a teórica parece vislumbrar uma estratégia de maior autonomia para a mulher: sua independência financeira.

Contudo, é a própria teórica que afirma elas “[...] constituem ainda apenas uma minoria [...]”. E, ainda, hoje, configura-se essa situação. Além disso, Beauvoir (2008, p. 50) também afirma que: “A mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológico idêntica à do homem”. Tudo isso, porque a sociedade não considera homens e mulheres do mesmo modo. Ambos terão universos sociais diferentes. E para mulher “libertada” esse fato trará a ela muitos conflitos. O fato de ser mulher é uma questão para a sociedade.

Em “alcachofra” temos a “Amélia que era mulher de verdade/ que fugiu com a mulher barbada/ barbaridade/ [...]”, um diálogo direto com a letra do samba “Ai que saudades da Amélia”, escrita por Mário Lago, com melodia de Ataulfo Alves. Essa música é um ícone da nossa música popular brasileira. O poema de Freitas faz um tipo de paródia com o samba, só que descreve a relação entre duas mulheres. Irreverente, a poeta vai desconstruindo modos estereotipados de ser mulher.

A parte “3 poemas com auxílio do google” compõe-se dos poemas: “a mulher vai”; “a mulher pensa” e “a mulher quer”. Os poemas discutem os espaços que ocupam as mulheres; suas condições psicossociais e seus desejos.

“O livro rosa do coração dos trouxas” é a parte final do livro. Nessa seção, encontramos um longo poema enumerado em 12 partes (de I a XII). Vejamos, a seguir, o poema III:

III.
as mulheres
diferentes das mulheres
pois
enquanto as mulheres
vão trabalhar
as mulheres ficam
em casa
lavando a louça
e criam os filhos
mais tarde chegam
as mulheres
estão sempre cansadas
vão ver televisão.

(FREITAS, 2012, P. 85)

Nesse poema, vemos que existem identidades diferentes para as mulheres, condições sociais. Uma coisa é fato: a questão da responsabilidade da maternidade parece que o peso maior é sempre da mulher. Outra questão é, se ela não tem independência financeira, ela fica “em casa”, mas o trabalho da casa, comumente, não é reconhecido nem pelo marido, nem pela sociedade. São essas e outras questões que as enfrentam na sociedade, como fala Beauvoir (2008, p. 37) “[...] o mais medíocre dos homens julga-se um semideus diante das mulheres”.

Isso gera privilégios/benefícios aos homens que as mulheres não têm. Além disso, a sociedade conservadora e machista vê sempre a emancipação ou a autonomia financeira da mulher como um “perigo”, como diz a teórica em questão: “[...] um perigo que ameaça a moral e os interesses. Certos homens temem a concorrência feminina”. (BEAUVOIR, 2012, p. 37)

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões voltadas à história das mulheres são intermináveis, a trajetória de luta e de resistência dos movimentos feministas contempla uma série de conquistas, que ajudaram a trilhar um caminho em direção à busca de uma igualdade entre os gêneros, em que as diferenças como raça, etnia, classe social, orientação sexual, religião e idade, tornaram-se aspectos identitários das mulheres na sociedade, na qual imperava um modelo tradicional de mulher submissa, imposto pelo forte conservadorismo patriarcal, que viu emergir milhares de mulheres que acreditavam que lutavam pela igualdade entre mulheres e homens.

Considerar a história de resistência das mulheres e utilizá-la como forma de compreensão de algumas temáticas encontradas na poética de Angélica Freitas é, sobretudo, uma experiência humanizadora. Verificamos que diferentes fatos históricos, referências culturais e produções textuais já existentes dialogam com poemas de Freitas. E compreender melhor os processos históricos que envolvem as mulheres acaba por contribuir nas discussões a respeito do controle do corpo feminino. Verificar como a dominação afetou as condutas, os modos, a sexualidade e, sobretudo, a liberdade das mulheres.

Muito das conquistas das mulheres vem dos esforços dos movimentos feministas que possibilitaram a legitimação política das mulheres, mas, também, desenvolveram métodos de abordagem que fizessem com que a mulher participasse ativamente das decisões na sociedade. O controle higienista e colonizador que pregava a inferiorização e a submissão do sexo feminino teve que se reformular ante as exigências, os direitos e as reivindicações de centenas de mulheres no mundo. Nesse sentido, vemos que a literatura, mais uma vez, alerta-nos que as mulheres podem ser ouvidas, elas têm o seu lugar de fala, que é, na verdade, seu “lugar social”. Relembrar a história das mulheres e seus diferentes processos é novamente trazer à cena o combate às formas de sexismo, de misoginia, de homofobia e de racismo, etc.

E, com muita maestria literária, Freitas nos traz em seu livro *Um útero é do tamanho de um punho* (2012) que é possível rever e discutir questões relativas às relações de gênero, às concepções do feminino, na sociedade contemporânea. Portanto, é sempre necessário

termos um (re)olhar para seguirmos com as discussão sobre a mulher, uma vez que a literatura pode de fazer rever/repensar os papéis de gênero, as “identidades”, subvertendo as normas impostas socialmente.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. Vol. 1.

—. **A mulher independente**. Trad. Sérgio Milliet. Notas de André Telles. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. São Paulo: Ática, 2002.

FREITAS, Angélica, **Um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

FRIGHETTO, Gisele Novaes. Um útero é do tamanho de um punho, ou sobre as interdições do feminino. In: **Revista Estudos Linguísticos**. v. 44 (3), p. 1303-1317, set.-dez. São Paulo, 2015.

GANCHO, Cândida Beatriz Vilares. **Introdução à poesia**. São Paulo: Atual, 1989.

MENDES, Melissa Rosa Teixeira. A história hoje: gênero, representação e literatura a partir do romance *Úrsula de Maria Firmina dos Reis*. In: **Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH – Rio**, 2012.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

—. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

WUNERNBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2007.